



A Palavra do Presidente

O MÉTODO COMO REQUISITO. PARA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

René Descartes definitivamente contribuiu para a história da ciência e do pensamento humano com seu "*Discours de la Méthode*", editado na Holanda em 1637. Acreditando que "não basta ter o espírito bom, o principal é bem aplicá-lo, sendo a razão ou o senso a única coisa que nos faz homens e nos distingue dos animais", alerta, entre outros, para o princípio de não se aceitar coisa alguma como verdadeira até que se evidencie como tal.

Seus ensinamentos, tão longe do tempo da sofisticação tecnológica de que hoje é cercada a investigação científica, já apontavam a necessidade fundamental da organização do pensamento a partir de uma inquietação original - que, transferida para a linguagem científica atual, poderíamos chamar de "pergunta de pesquisa"-, até a demonstração verossímil de uma

determinada conclusão, ou o que hoje poderíamos qualificar de "consistência de resultados".

Igualmente, não foi sem observação sistemática e método que Charles Darwin, para produzir seu tratado "A origem das espécies", demonstrou que há fatores ambientais que criam vantagens seletivas para a reprodução e sobrevivência das espécies.

O acaso levou a descobertas definidoras para a ciência médica, como drogas - a penicilina, por exemplo - e relações causais entre o homem e determinadas situações ou agentes nocivos. Entre outros, Percival Pott, um médico inglês que, ao final do século XVIII, ao observar que a fuligem estava associada ao aparecimento de câncer em limpadores de chaminés, descobriu um veio que se mostraria cada vez mais rico no campo da investigação médica, qual seja, a epidemiologia clínica.

Em nossa era, os anos 80 foram um marco da revolução biológica, com o desenvolvimento extraordinário de instrumentos de pesquisa gerando mudanças de conceitos nos domínios essenciais da biologia. A produção científica na área médica cresceu exponencialmente, porém de forma heterogênea e segundo critérios de qualidade muito diversos, resultando na necessidade de maior rigor crítico e ético, por parte da academia *sensu lato*, dos órgãos financiadores de pesquisa e, sobretudo, daqueles que recebem a informação produzida, no caso, os leitores e demais pesquisadores de distintos campos de interesse.

No que concerne à área da bioética, o Brasil através do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, recomenda atentar às Declarações de Helsinque, revista em Tóquio, em

1975, e de Manila, de 1981, e à Resolução 01/88 CNS, no que se refere à pesquisa que envolva seres humanos, o que já nos coloca pareados com o mundo desenvolvido neste aspecto. Além de considerações de natureza ética, a investigação científica hoje, para que seja justificada, tem que levar em conta indicadores como: relevância, custo e efetividade, aplicabilidade, reprodutibilidade, confiabilidade dos resultados obtidos e, sobretudo, consistência entre o objeto de pesquisa e os dados obtidos. O método na boa investigação, bem como a publicação desta através de órgãos e revistas científicas, deve incluir os passos: descrição do *rationale*, com as questões a serem respondidas; da metodologia (ou o que está sendo estudado); dos resultados (ou o que foi encontrado) e a discussão, que além de dar significado aos dados, confere as

implicações clínicas e científicas dos mesmos e sugere novas investigações na mesma linha. Estas recomendações, se ade-

comparável, provocativa e, não menos importante, de leitura agradável.

Quando a publicação eletrônica já é uma perspectiva na nossa realidade, atingindo um público cada vez mais amplo e permitindo o acesso fácil a temas de interesse e relevância específicos para cada leitor, recoloca-se velhas questões: independentemente da qualidade, não é este o principal objetivo da publicação de resultados da pesquisa científica? Até onde as conclusões acadêmicas podem ser colocadas em prática? Que dificuldades terão que ser superadas para que o conhecimento teórico e o experimento sirvam à resolução de problemas de saúde? Permanece a reflexão, instigante alimento à criação.

Margareth Dalcolmo
Presidente da SOPTERJ

●-----→

"...não foi sem observação sistemática e método que Charles Darwin, para produzir seu tratado "A origem das espécies", demonstrou que há fatores ambientais que criam vantagens seletivas para a reprodução e sobrevivência das espécies."

←-----●

quadamente acompanhadas, resultam no que se poderia considerar a publicação ideal, ou seja, atualizada, relevante, acurada,

PULMÃO RJ

quer Saber sua Opinião



As correspondências devem ser encaminhadas para:
Rua Barão de Lucena, 32
Botafogo
22260-020
Rio de Janeiro - RJ

Indicando no envelope:
Cartas PULMÃO RJ

A Revista PULMÃO RJ reservará um espaço destinado às cartas que os leitores desejarem encaminhar, assim como às respostas pertinentes.

Da mesma forma os comentários, ou qualquer outra questão que nossos colegas quiserem manifestar, iremos acolher e aqui publicar.

Esperamos sua participação!